

## Fuga da sacristia

TERÇA, 23 DE AGOSTO

### Proporção de católicos tem baixa recorde

Pela 1ª vez, índice de brasileiros que se dizem católicos fica abaixo dos 70%, mostra censo

católicos (sem total) em 2009, segundo o IBGE, caiu para 68,43%, a menor proporção em quase 140 anos de pesquisas estatísticas, informa o Novo Mapa das Religiões, da FGV. Pela primeira vez, desde que são computadas as pesquisas, a proporção fica abaixo de 70%.

A proporção de católicos em 2009 no País, 68,43% (130 milhões), foi a menor em quase 140 anos de pesquisas estatísticas, informa o Novo Mapa das Religiões, da FGV. Pela primeira vez, desde que são computadas as pesquisas, a proporção fica abaixo de 70%.

# Réquiem para certo catolicismo

Para estudioso de religião, grupo afeito ao poder imperial e indutor de infantilismo se descolou das bases, daí o crescente desencanto de fiéis e religiosos e seu afastamento

JORGE CLAUDIO RIBEIRO

**A** Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada periodicamente pelo IBGE e analisada pela Fundação Getúlio Vargas detectou, no período 2003-2009, uma intensa movimentação no ambiente religioso da população brasileira. Quanto aos dois maiores grupos, constatou uma redução do número de católicos e a estabilização dos evangélicos pentecostais. Além disso, mostrou crescimento de pessoas sem religião (não só ateus ou agnósticos), de protestantes tradicionais, espíritas, budistas e adeptos de religiões afro-brasileiras.

O que mais chamou a atenção foi a queda pronunciada de 6% entre os membros do catolicismo, ainda hegemônico na população brasileira. Esse movimento se soma ao verificado na década de 1990-2000, quando 10% dos católicos migraram para as denominações evangélicas e para o segmento dos sem religião. Se, na virada do século, havia 74% de católicos, agora estão em torno de 68%. Essa pesquisa ainda revela tendências, pois no início do próximo ano deverão ser divulgados dados mais completos sobre religião levantados pelo Censo do IBGE de 2010.

Os números divulgados no dia 23 começaram a provocar uma infinidade de questiona-

mentos e interpretações. Há quem festeje a crescente diversidade e a secularização no quadro religioso em nosso país; há quem lamente a perda de poder do catolicismo, um dos principais componentes da identidade brasileira.

No campo da Igreja Católica, não faltam acusações a torto e a direito. Um lado atribui essa sangria à rigidez doutrinária e moral, ao centralismo monárquico, ao celibato dos padres, à desatenção às mulheres e a recusa do sacerdócio para elas, e ao afastamento do laicato (sobretudo jovem) das decisões; outro lado debita essa situação à teologia da libertação, ao reduzido amor à Igreja, ao relativismo moral e a uma eclipse de Deus. Que lado tem razão? Ambos? Nenhum? Nessa hora, a atribuição de culpa só serve para exaltar os ânimos e obscurecer o juízo. Provavelmente o catolicismo brasileiro sofre a mesma perda de fiéis que as grandes religiões mundiais.

Diante disso, que resta fazer? Há grande perplexidade, o que não é algo a lamentar, necessariamente. Um primeiro passo é admitir que a situação é complexa mesmo e não cabem soluções singelas. Outro passo é evitar a tentação de refugiar-se em princípios (só aparentemente) eternos que, gestados em outras eras, mal e mal percebem problemas novos que o tempo não se cansa de produzir. É como aplicar remendo velho em pano novo.

A meu ver, da fixidez – dogmática ou moralista, pouco importa – resulta a grave doença que afeta “um certo catolicismo”, da qual essa perda de fiéis é apenas um sintoma. Tal

moléstia reúne perdas mais profundas: a da capacidade de instilar entusiasmo, de inspirar ações generosas e duradouras – enfim, perda de influência e de autoridade ética. Um catolicismo afeito ao poder imperial e indutor de infantilismo se descolou de suas bases, clericais e laicas, e acabou falando sozinho: tendo perdido a capacidade de anunciar boas novas que vão ao encontro do inédito da História, acabou propondo “mais do mesmo”. Daí, o crescente desencanto de fiéis, sacerdotes e religiosos (as) e, conseqüentemente, seu afastamento. Claro que, se estivesse satisfeita, essa massa não se afastaria – seu movimento representa um grito a ser decifrado.

Reconheço ser sobre-humana a tarefa assumida pelos dirigentes máximos, vergados sob o peso da instituição. Afinal, trata-se de um contingente de 1 bilhão de pessoas e de um patrimônio cultural e material acumulado durante milênios. Não é de estranhar que gerenciar esse empreendimento colossal embote um olhar mais sensível para as necessidades e urgências humanas. Daí o apelo ao armazém empoeirado de indulgências plenárias, beatificações meio oportunistas e encontros espetaculosos.

Mas o catolicismo institucional não é o único. Há, pelo menos, um outro. São católicos que se inspiram no exemplo de seu Mestre para tocar de forma digna seu cotidiano familiar, profissional e cidadão. São leigos e clérigos "da base", reunidos numa multidão incalculável de comunidades ocupadas em ver a realidade e interpretá-la. Capilarmente comprometidos com ações articuladas a favor da humanização, contra o sofrimento humano, ousam demolir as fábricas de tanto dor. Esses não veem ameaça no esvaziamento demográfico de seu grupo religioso, pois o fundamental é a tarefa.

Enfim, o que parece estar em cheque no catolicismo não é a quantidade de fieis, mas o fulgor da chama. Se conseguir estancar a desidratação de sua seiva, se não abortar o serviço assumido em sua origem, essa religião se tornará relevante. Isso vale para todas as religiões e interessa à humanidade.

\*

**JORGE CLAUDIO RIBEIRO** É PROFESSOR TITULAR DO DEPTO. DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO/ PUC-SP

GUIDO MONTANZ/EFE



**Evasão.** Não existem soluções simples